CADERNOS MACAMBIRA

ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v. 11, n. especial, 2026. https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2185.
Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

RELATO DE EXPERIÊNCIA / EXPERIENCE REPORT

ENTRE LAÇOS, RETALHOS E RASGOS: NARRATIVAS DE UMA AUTOETNOGRAFIA DO AMOR

BETWEEN TIES, PATCHES, AND TEARS: NARRATIVES OF AN AUTOETHNOGRAPHY OF LOVE

Karla Cilene Silva dos Santos[1]

[1]Mestra em Família na Sociedade Contemporânea (UCSAL). Psicóloga, Pedagoga, Psicopedagoga Clínica e Professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE). É pesquisadora do Grupo de Pesquisa Família, Inclusão e Desenvolvimento Humano (FIDH/UCSAL) e autora de capítulos de livros sobre Psicologia Educacional e Escolar. Autora correspondente: karlacilene.sousa@ucsal.edu.br.

Recebido: 22/04/2026 - **Revisado**: 11/05/2026 - **Aceito**: 01/07/2026 - **Publicado**: 30/09/2026

RESUMO: Este relato autoetnográfico apresenta uma reflexão sobre a experiência subjetiva do amor, construída a partir de vivências pessoais e atravessamentos afetivos. Ao deslocar-se de uma perspectiva estritamente científica, o texto propõe uma escrita sensível e singular, que busca materializar, por meio da linguagem, um sentimento complexo e multifacetado. Para tanto, utiliza-se das metáforas dos laços, retalhos e rasgos como categorias simbólicas de análise. Os laços representam os vínculos construídos nas relações, marcados por cuidado, troca e presença; os retalhos evidenciam as marcas deixadas pelos encontros e experiências que compõem a constituição do sujeito; e os rasgos revelam as rupturas, dores e processos de reconstrução inerentes às relações afetivas. Assim, o amor é compreendido como movimento dinâmico, que envolve construção, desconstrução e ressignificação, sem perder sua essência diante das transformações. O estudo aponta para a potência da autoetnografia como abordagem que legitima a subjetividade e amplia as possibilidades de compreensão dos fenômenos humanos.

Palavras-chave: Subjetividade. Afetividade. Narrativa. Experiência.

ABSTRACT: This autoethnographic report presents a reflection on the subjective experience of love, constructed from personal experiences and affective crossings. By moving away from a strictly scientific perspective, the text proposes a sensitive and singular form of writing that seeks to materialize, through language, a complex and multifaceted feeling. To this end, it employs the metaphors of ties, patches, and tears as symbolic categories of analysis. Ties represent the bonds built in relationships, marked by care, exchange, and presence; patches highlight the marks left by encounters and experiences that shape the constitution of the subject; and tears reveal the ruptures, pains, and processes of reconstruction inherent in affective relationships. Thus, love is understood as a dynamic movement involving construction, deconstruction, and resignification, without losing its essence in the face of transformations. The study points to the potential of autoethnography as an approach that legitimizes subjectivity and expands the possibilities for understanding human phenomena.

Keywords: *Subjectivity. Affectivity. Human Experience.*

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

Este relato autoetnográfico propõe uma reflexão sobre a experiência subjetiva do amor, construída a partir de vivências pessoais e atravessamentos afetivos. Ao deslocar-se de uma perspectiva estritamente científica, a escrita assume um caráter sensível e singular, buscando materializar, por meio da linguagem, um sentimento complexo e multifacetado. Para isso, recorro às metáforas dos laços, retalhos e rasgos como categorias simbólicas que possibilitam compreender o amor em sua dinâmica relacional, evidenciando vínculos, marcas e rupturas que constituem o sujeito ao longo de suas experiências.

Preciso confessar que essa não é uma tarefa fácil! Me percebi reflexiva, tentando organizar cognitivamente caminhos, possibilidades, estrutura textual, formatação, referências para materializar em códigos escritos um sentimento vivenciado e construído de forma tão subjetiva que é o amor.

Só que, este texto autoetnográfico não é sobre fazer científico, ou melhor, pode até surgir daqui elementos que despertem o desejo de pesquisar, sobretudo, decidi me despir desta versão pesquisadora e me conectei com este sentimento de forma mais simples, genuína, sem juízo de valor e singular.

Pensar na minha experiência e concepção sobre o amor, é pensar em laços, retalhos e rasgos. Laços como formas de construção, cuidado, entrega, presença, nutrição, troca e afetos.

Os laços, a depender do contexto, é utilizado para amarrar, unir pontas, adornar, personalizar, é de tamanha versatilidade. E a escolha em metaforizar o amor com laços parte, justamente, de uma das suas utilidades que é o de unir, entrelaçar. O amor ele é construído a partir de enlaces e permanece, ou deveria permanecer, nos enlaçamentos. Seja um enlace consigo e/ou com o outro. O amor é vida, é pulsão, é pressão arterial, é choro, é suprimento, é coberta, é calor, é tempestade, mas também pode ser calmaria, é chuva caindo no telhado, é ventania que deixa pessoas desabrigadas.

De laços, em laços, de retalhos e retalhos, quero citar um trecho de um texto da Cris Pizzimenti, chamado “Sou feita de retalhos”: “Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou. Em cada encontro, em cada contato, vou ficando

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052185, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2185 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

maior... Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa. ”

Muito mais do que os desafios em lidar com os retalhos, é sofrer com os rasgos. Os rasgos desunem as pontas, deixa marcas e o mais desafiador é o convite a enfrentar e ressignificar a destruição causada por eles. Os rasgos abatem, destroem sonhos, planos, concepções, mas também dá a oportunidade de se refazer a partir dos rasgos. Com os rasgos, o amor não deixa de ser amor. O rasgo não inutiliza a peça, é possível salvá-la e refazê-la, talvez não volte a ser como antes, ou melhor, por que tem que ser como antes? Talvez olhar e refazer o rasgo é reiniciar o amor.

Então, meus caros...

O amor é isso...

É laço...

Retalhos...

E rasgos.

Diante das reflexões apresentadas, compreende-se o amor como um movimento dinâmico que envolve processos contínuos de construção, desconstrução e ressignificação. Os laços, retalhos e rasgos revelam não apenas as formas de vinculação e as marcas deixadas pelas experiências, mas também a potência de reconstrução presente nas relações afetivas. Nesse sentido, o relato evidencia a relevância da autoetnografia como abordagem que legitima a subjetividade, ampliando as possibilidades de compreensão dos fenômenos humanos e reconhecendo o amor em sua complexidade e transformação constante.

REFERÊNCIAS

PIZZIMENTI, Cris. **Sou feita de retalhos**. Revista Consciência, 6 ago. 2017. Disponível em: https://revistaconsciencia.com/sou-feita-de-retalhos/. Acesso em: 06 set. 2025.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Diana Léia Alencar (Orgs.) **Teoria e Prática da Autoetnografia à Deriva**. Curitiba: CRV, 2025. DOI: https://doi.org/10.24824/978652518105.9.